
O CONTEMPORÂNEO E A DOENÇA DO EXISTIR

Emerson Mildenberg¹

Cristian França²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações acerca do contemporâneo e a existência humana. Por contemporâneo, entendemos que é pertencer verdadeiramente a seu tempo. Por mais que o ser individual não goste ou reprove o seu tempo, não pode revogar ou fugir desse tempo, ou seja, é contemporâneo do seu tempo e pode-se dizer que é *sui generis* do próprio e com o próprio tempo. A complexidade desse tecido é que o contemporâneo associa-se a este e concomitantemente dele se distancia. Nessa esteira, a presente escrita levanta inquéritos quanto ao tempo, ao consumo, as imagens, a tecnologia, a espiritualidade, a produção, a ética, dentre outros. Imediatamente considera-se o reflexo dos fenômenos que estão no radar do contemporâneo, ou seja, as patologias (aqui aludidas como doenças) causadas por tal. Dessa perspectiva, o sujeito será obrigado a fazer escolhas na realidade antropológica e sociológica em que estiver inserido, o que faz com que só possa ser compreendido levando-se em consideração sua história individual implicada por um contexto. E é nesse estabelecimento das relações com o outro, que acontecerá a mediação das relações com coisas, tempo e consigo mesmo suscitando nesse processo, possibilidades de construir sua personalidade.

191

Palavras-chave: Tempo. Contemporâneo. Sujeito. Doença. Existir.

ABSTRACT

This article aims to present some considerations about the contemporary and human existence. By contemporary, we understand that it is truly belonging to your time. As much as the individual being does not like or disapproves of his time, he cannot revoke or run away from that time, that is, he is contemporary with his time and it can be said that he is *sui generis* of himself and with his own time. The complexity of this fabric is that the contemporary is associated with this and concomitantly distances from it. In this context, the present writing raises inquiries regarding time, consumption, images, technology, spirituality, production, ethics, among others. Immediately the reflection of the phenomena that are on the contemporary radar is considered, that is, the pathologies (here referred to as diseases) caused by such. From this perspective, the subject will be forced to make choices in the anthropological and sociological reality in which he is inserted, which means that he can only be understood taking into account his individual history implied by a context. And it is in this establishment of relationships with the other, that mediation of relationships with things, time and with oneself will arise in this process, giving rise to possibilities to build his personality.

Keywords: Time. Contemporary. Subject. Disease. Exist.

¹ Docente no Centro Universitário Filadélfia – UniFil.

² Advogado e estudante do Curso de Teologia.

O futuro avança no presente sem percebermos e no que tange ao passado... cada vez mais distante...

Emerson Mildenberg



Fonte: <http://artefontedeconhecimento.blogspot.com/2010/07/o-grito-1893-edvard-munch.html>

Tempo... eis uma terminologia de difícil definição e entendimento! Desde os gregos, movimentando-se pela história até o moderno, verifica-se uma estreita relação entre tempo e existência humana. Indubitavelmente, quando se pensa em tempo imediatamente faz-se uma conexão com Santo Agostinho. Disse o bispo de Hipona sobre tempo em suas Confissões: “Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada.” (1964, XI, 14, 17).

Parece que para Agostinho, tempo, é um saber que só se tem antes de se pensar sobre. Ele identifica o tempo, com a própria vida da alma que se desloca ao passado e ao futuro. Uma tensão que viveu Agostinho sobre o tempo e sua tentativa de entender e explicar situava-se nesse “pendulo” passado versus futuro. O futuro que ainda não existe pode diminuir ou esgotar-se, ou o passado que não existe mais, pode aumentar? Para Agostinho, a alma realiza três ações: espera (futuro), está atenta (presente) e se recorda (passado). O objeto de sua

espera passa pela atenção e transforma-se em lembrança. Pode-se concluir portanto, que o presente necessita de duração, porque é “... um instante que passa” (AGOSTINHO, 1964, XI, 28, 1). Em suma, para o teólogo não há três tempos, mas um agora que passa, ou em sua linguagem: presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição direta; o presente do futuro é a esperança. (AGOSTINHO, 1964, XI, 20, 1).

Por contemporâneo, entendemos que é pertencer verdadeiramente a seu tempo. Por mais que o ser individual não goste ou reprove o seu tempo, não pode revogar ou fugir desse tempo, ou seja, é contemporâneo do seu tempo.

O contemporâneo, portanto, é *sui generis* do próprio e com o próprio tempo. Ao mesmo tempo que associa-se a este, concomitantemente dele se distancia. Complexo? Talvez!

O viver contemporâneo para muitos é fixar o olhar na tecnologia e em seus dividendos que se transmuta mais rápido que a evolução natural da vida. A vida do homem contemporâneo, por exemplo, é caracterizada pela necessidade exacerbada de produção e auto afirmação, além do consumo, soma essa que acaba o levando a um estado de doença existencial. O “*homo faber*” se vê cada vez mais diante da necessidade de acompanhar esse avanço tecnológico, por tantas vezes tornando-se refém desse progresso. Mas sobre isso, trataremos mais adiante.

193

Em pleno século XXI, contemporâneo é esse fragmento que de certa maneira refreia o tempo de se alinhar e de permanecer “estável”. O desafio para o ser é situar-se nesse tempo, se reinventar, acompanhar, sentir, experimentar... viver!

A imagem que o contemporâneo nos proporciona é antagônica e incompatível, ou ainda, absurda. Sobre o absurdo, já escreveu Albert Camus, pensador e romancista franco argelino em seu ensaio “O mito de Sísifo” tendo por alicerce a filosofia do absurdo, Camus identifica o homem em busca de sentido para sua vida em um mundo indecifrável, desprovido de Deus e de eternidade. A condição absurda do homem no século XX segundo a leitura de Camus era construir sua vida sobre a esperança do amanhã, o mesmo amanhã que aproxima o indivíduo da morte. Parece que o homem do século XXI vive o mesmo dilema com um tempero a mais – o consumo desenfreado como uma forma de mostrar pertencimento ao contemporâneo. O contemporâneo se esforça para estabelecer um padrão mais nobre de racionalidade acrescentando relevo nos direitos humanos, que por seu turno enfatizam a liberdade de opinião e expressão, trabalho e educação sem discriminação alguma. O

contemporâneo situa a razão como instrumento de emancipação intelectual por meio da reflexão sobre a própria razão.

No contemporâneo a ética também passa por um processo de revisitação. Grandes nomes reverberam nesse palco, tal qual Edgar Morin (antropólogo francês) que afirma que a ética encontra o ser humano consigo mesmo, com sua comunidade, com a espécie” – em síntese, é um ato de religação. Destaca-se também Gilles Lipovetsky (teórico francês), o qual alega que a ética contemporânea é emocional e indolor, ou seja, o individualismo existe, mas não apenas como a visão moral que caracteriza como egoísmo sendo um mal e o indivíduo centralizado apenas em si mesmo e com coração seco. A bem da verdade, o que acontece é uma autonomia, as pessoas são responsáveis por suas próprias vidas e isso não acaba com a solidariedade e a ética, pelo contrário, a modifica.

O contemporâneo deixa evidente não as luzes que brilham, mas o escuro ao seu redor. É possível produzir muito no contemporâneo desde que tenha um *feeling* acerca daquilo que se apresenta no imediato. De acordo com a neurofisiologia (ramo da fisiologia que tem como objeto de estudo o funcionamento do sistema nervoso), o escuro não é um conceito privativo, a simples ausência da luz, algo como uma não-visão, mas o resultado da atividade das *off-cells*, (células periféricas da retina), como registrado pelo filósofo italiano Giorgio Amgaben.

Quer dizer então que o escuro contemporâneo não é imobilidade, letargia ou torpor, mas uma oportunidade de paralisar “as luzes” para descobrir a escuridão e com ela o que ainda está oculto. No contemporâneo precisa ter e demonstrar coragem. Aliás, coragem é uma virtude na concepção de muitos pensadores desde tempos remotos. Etimologicamente, coragem vem do latim “cor”, de onde deriva “coração”. Os romanos apostavam que coragem estava mais ligada com o coração do que com a razão. Por entendimento, coragem é uma atitude enérgica e firme diante do perigo. Para o estagirita Aristóteles (384 – 322 a.C.) em seu livro *Ética a Nicômaco*, coragem é um meio-termo em relação aos sentimentos de medo e confiança, ou a dialética covardia e bravura. Em suma, todos tememos algo, porém, há aqueles que são destemidos e enfrentam as situações mundanas com coragem.

André Comte Sponville, filósofo materialista francês, afirma que de todas as virtudes, a coragem é sem dúvida a mais universalmente admirada. Segundo Sponville, isso não depende das sociedades ou épocas, nem tampouco dos indivíduos, mas de sua virtude entranhada em seu ser. Em tempo e fora de tempo, a covardia é desprezada, mas a bravura estimada. Por isso é que ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem, porque

significa ser capaz não apenas de ter o olhar fixo na escuridão da época, mas também aperceber-se, nessa escuridão.

Ser contemporâneo, não precisa ser necessário. A expressão “necessário” aqui aludida, tem dois vieses, a saber: necessário como adjetivo, ou seja, essencial, indispensável e “necessário” como algo que não pode ser falso. Aquele não irá ter nossa atenção porque o contexto não reivindica, no entanto este, terá nosso crédito porque coaduna-se com o enredo proposto. Em filosofia, a proposição “necessário” significa “algo que não é falso”. Coisas que poderiam ter sido, mas não foram em qualquer ambiente, ou nos “mundos”, físico ou metafísico, não são necessárias, mas se, se caracterizar como verdade, aqui ou metafisicamente, é necessária porque é verdadeira. A noção de “necessário” vem de “aletéia” (grego) e significa “verdade”. Portanto, necessário em filosofia é algo verdadeiro em todos os mundos possíveis. O contemporâneo não reclama ser verdadeiro, portanto, da perspectiva filosófica, não precisa ser necessário. Em adendo, poderia até apostar que nem mesmo necessário como adjetivo o contemporâneo pleiteia, quiçá, do ponto de vista filosófico.

No contemporâneo não se faz necessário ter uma espiritualidade como verdade, visto que estamos migrando para a quarta revolução industrial, de acordo com o economista e engenheiro alemão Klaus Martin Schwab. Segundo tal economista, essa revolução teve início na virada do século e tem como força motriz a revolução digital. Caracteriza-se por uma internet móvel e ubíqua, sensores extremamente poderosos, menores e de fácil aquisição e ainda pela inteligência artificial e a aprendizagem automática. Espiritualidade para que? Augusto Comte (1798 – 1857) pensador francês que desenvolveu a teoria positivista no século XIX, afirmou que “sem um novo poder espiritual, independentemente que época venha ser, toda e qualquer revolução produzirá catástrofes”. O contemporâneo oferece uma espiritualidade virtual, até porque, se instituições religiosas não se contextualizarem, ficarão de fora daquilo que está em voga e se não estiver vinculado nessa tendência não terá como fazer parte das massas.

No contemporâneo precisa ser multitudinário, ou seja, precisa pertencer a grupos, a ideologias, sem nenhuma barreira social e sem isenção de impedimento algum. A democracia, a experimentação científica e o industrialismo são elementos presentes no contemporâneo e que tornam sua vivência um novo espetáculo. Em épocas passadas, vida, significava limitação, obrigação, dependência e submissão a poderes que pareciam ser indestrutíveis, mas no e o contemporâneo, altera esse curso, remodela e “distribui” poderes. O contemporâneo envolve o homem desde seu nascimento e não o limita em nenhum sentido. Não lhe apresenta

veto ou contenção, pelo contrário, instiga seus apetites que evoluirão num crescimento indefinido. Pelo prisma da psicologia, o contemporâneo aponta para uma liberdade inquestionável e uma expansão de desejos insaciáveis a serem atendidos de maneira imediata. São características de paparico, afago, mimo, por assim dizer. Mimar é não limitar os desejos, é dar a um ser a impressão de que tudo lhe é permitido e a nada está obrigado. O homem que cresce amoldado pelo contemporâneo, não tem a experiência de seus próprios limites. O contemporâneo provoca os mais fortes desejos, desperta a apetência, estimula a avidez e a extravagância. A busca pela felicidade integral (existe aqueles que acreditam) é uma obsessão no contemporâneo. Ter uma vida estética (que aqui não tem nada ver com arte, mas com sensação), é buscar viver sentido as coisas boas da vida – isso é felicidade. Comida, bebida, dinheiro, viagens, sexo, consumo e correlatos é o objetivo do homem contemporâneo. E isso é interessante porque a sociedade de mercado em que o contemporâneo está pautada é sustentada num contínuo desejo insatisfeito, até porque, do contrário, a economia para.

O contemporâneo exalta o conceito psicanalítico de narcisismo. O mito grego de Narciso apregoa um encanto com a própria imagem refletida na água que o faz mergulhar para tê-la e acaba afogando-se. Via de regra, o narcisismo é algo patológico e caracteriza as pessoas que tiveram má experiência com familiares e com o mundo a sua volta até um determinado tempo de suas vidas. Quando essa pessoa decide romper com esse “molde”, ela desliga-se com baixa reserva de energia psíquica positiva, ou seja, não possui segurança nem tampouco autoestima. A partir de então o indivíduo busca naquilo que é novo e que permeia seu entorno para se satisfazer e preencher os “nichos” emocionais que até então estavam vazios. O contemporâneo oferece o melhor e mais requintado cardápio para que essa mazela seja atendida e saciada, entretanto, também aciona o vício e o desejo que é cíclico e precisa ser satisfeito toda hora que se manifestar. Eis algumas das “especialidades da casa” (contemporâneo): culto à celebridade, direitos e não deveres, toda e qualquer forma de amar, vínculos à distância (dessa maneira o ônus dos vínculos não interferem no bônus – se eu não gosto, eu bloqueio), a necessidade de ter, o desejo de ser (nem que seja alguém que não se é), hedonismo com molho de achismos, geração eu, boas obras para a sustentabilidade (esse prato serve mais que duas pessoas), palavras dulcificadas e nunca nada que proíba. Como sobremesa, a casa oferece “efemeridade” com cobertura de “superficialidade”, que inclusive já faz parte dos pratos do cardápio. É só servir e bom apetite!

Claro que nesse cardápio, há espaço para muito mais “variedades”, mas essas, creio que já atendem bem para quem está com apetite.

Algo que precisa ser registrado é que não sou contra direitos, sob hipótese alguma. O problema é que direitos não são naturais e gratuitos. O direito custa. Custa disciplina, custa aplicabilidade, custa compromisso com objetivos, custa plantio, custa responsabilidade, custa, custa, custa. Há uma diferença quem pensa em termos de direito e em termos de dever. O contemporâneo pensa em termos de direitos, ou seja, gente jovem, saudável, rica, bem-sucedida, poucos filhos, que anda de *bike* com todos os apetrechos e tênis Nike, que faz academia e que se reúne com os amigos para planejar a próxima viagem, que se envolve com o reality do momento e que se sente moderno porque baixou os *apps* do seu banco e do *Ifood* no seu smartphone. A mente configurada pelo contemporâneo é: o mundo me deve! Essa mente opera a partir do que o outro deve prover. Quem pensa em termos de deveres (raro no meio contemporâneo, mas ainda existe), pensa em como fazer para que as coisas aconteçam. O grande problema é que a mente contemporânea é a mente de que “alguém me deve e eu quero porque é meu...” e que essa mente prevalece em detrimento da mente de incumbência e papéis.

Enfim... o contemporâneo parece ser um encontro sem lugar definido. Suas potências insistem em sair de dentro e se instalar no mundo para transformar ou modificar, converter ou reduzir, mascarar ou explicitar, e, isso, ninguém sabe. O que se sabe é que está aqui, embaixo dos nossos pés e acima da nossa cabeça, e, também ao redor. O contemporâneo assinala certa urgência ao mesmo tempo que indica ser extemporâneo, isto é, sobremodo cedo, ou fora de hora, um já, ou ainda não. É esperar para viver e ver, ou melhor, sentir.

197

Agora, vasculhemos os porões da existência para compreender o contágio que o contemporâneo germina no homem.

Neste espeque o termo contágio vem bem a calhar, tendo em vista que ainda que seres individuais, temos em nossa existência (biológica, espiritual e psicológica) uma necessidade de um coletivo (grupos em cavernas, nômades, tribos, amigos, famílias, sociedade) e neste terreno o contágio se torna coletivo, onde um indivíduo leva os demais a sua volta e outros à um padrão de pensamentos e comportamentos.

Basta olharmos as inúmeras mudanças de comportamento, compra, consumo, rotinas, ideologias políticas advindas de controle, insights e manipulações de massa, “como temos tantas informação, mas sabemos tão pouco?”. Harari (2020, p.329) ratifica esta linha de pensamento perquirindo que não devemos confiar na voz de dentro de nossa cabeça, pois na verdade nunca fora tão confiável assim, tendo em vista que sempre refletiu a propaganda oficial, ideológica e publicitária...

Filósofos, psicólogos e toda humanidade tem se perguntado sobre o existir, tanto que sempre estimularam o “conhecer de si mesmo”, busca esta, que se torna mais urgente diante do contemporâneo.

Nesta esteira, Sartre descreve em “*O existencialismo é um humanismo*” (SARTRE, 1978) que o homem é um *ser-no-mundo*, o que significa que é dotado de um corpo e de uma consciência através dos quais se relaciona com o mundo, estabelecendo relações que caracterizam sua existência. É por meio desta condição psicofísica, ontológica, que o sujeito estabelece relação com dada realidade antropológica e poderá, então, constituir sua singularidade como totalidade em que o psicológico será “encarnado” no corpo e o corpo vivido como psicológico.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagem+sobre+angustia&source=lnms&tbm>

Esta concepção teórica pressupõe, assim, “que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. [...] O homem não é mais do que o que ele faz” (SARTRE, 1978, p. 12). Assim, não há, para o existencialismo sartriano, natureza humana, visto que o homem não pode ser definido antes que seja concebido e, por isso, não se poderá achar em cada homem uma essência universal. O que existe é uma condição humana, que compreende “mais ou menos distintamente o conjunto de limites *a priori* que esboçam a sua situação fundamental no universo”.

Veja que o existir em tela, numa tentativa de simplificar os estudos, está ligado ao que se faz, um sentido de ser/fazer e completar-se em si em suas habitualidades, onde o cotidiano,

as tarefas, o andamento e construção de nosso “eu” tem um sentido com base nesta construção de atividades, vivências e experiências durante a vida.

O sujeito será obrigado a fazer escolhas na realidade antropológica e sociológica em que estiver inserido, o que faz com que só possa ser compreendido levando-se em consideração sua história individual implicada por um contexto. É no estabelecimento das relações com o outro, que irão mediar suas relações com as coisas, com o tempo e com seu próprio corpo, que o sujeito terá possibilidades de construir sua personalidade.

Corroborando com este pensamento Harari (2020, p. 332) comenta sobre o príncipe guerreiro, Arjuna, na epopeia Bhagavad Gita. Consumido por uma dúvida de ver amigos e parentes do exército inimigo e diante das reflexões sobre a vida, tais como existência e finalidade desta, ele tem que decidir, pois seu “carma” demonstra os caminhos, deveres e obrigações a serem cumpridas. Ainda que difícil, ele decide lutar e matar quem quer que seja, pois este era seu legado, sua missão, sua existencialidade ao qual pode então ter paz, alegria, se tornando um dos mais estimados heróis do mundo hindu.

Ainda nesse rastro outras histórias que remontam o fazer-se, o construir-se e as atividades em sua essência mais uma vez são demonstradas em paralelos, como o Rei Leão (desenho), pois o filho tentou se esquivar de seu papel, mas infeliz e atormentado voltou para cumprir com sua missão, salvando a selva e vivendo alegre e feliz. Eis que poderíamos elencar vários personagens para descrever o dever-ser-fazer, como Cristo, que ainda que a dor e o sofrimento durante o caminho da crucificação, veio para cumprir sua missão, seu dever-ser-fazer!

199

Nessa direção, os sujeitos constituem-se a partir de suas escolhas e ações que estão sempre relacionadas a um projeto, um desejo de ser. Suas escolhas cotidianas relacionam-se a uma escolha fundamental que os leva a um *projeto-de-ser* fundamental, caracterizado pela totalização de ações em curso que é o homem. Sendo este projeto movido por um desejo de ser, podemos pensar que é principalmente a partir deste desejo – especificado em diferentes desejos concretos – que move o homem e que o orienta no estabelecimento de suas relações no mundo.

É no estabelecimento das relações com o outro, que irão mediar suas relações com as coisas, com o tempo e com seu próprio corpo, que o sujeito terá possibilidades de construir sua personalidade. Portanto, o tecido sociológico implica em uma rede de relações de mediações (SCHNEIDER, 2006) que fornece os parâmetros para a construção da singularidade do sujeito, resultando em sua dimensão psicológica.

Ora, como supracitado, a nova geração contemporânea sofre do auto engano que o mundo lhe deve algo, que seus pais lhe devem, que a sociedade lhe deve, perdendo-se em sua existencialidade, pois não se tem propósito, missão, renegando sua história com base no que seria a descrição de Sartre e nos personagens citados, pois se todos me devem, eu sou detentor de direitos, se esquecendo de seus deveres.

A doença do existir, ou a dor psíquica acontece sem haver a necessidade de uma agressão, ou uma lesão no corpo, se constituindo assim em regra como indescritível, imensurável, que não possui causa específica, podendo ser apontada como uma “dor do nada”, associada ao vazio de existir.

Uma dor que não pode ser representada, muitas vezes dita como tristeza, trevas, sombras, nevoeiro, infeliz, apatia, angústia [...] dentre tantas outras nomenclaturas (PERES, 2020).

Destacam-se assim o vazio existencial descrito, as mudanças do contemporâneo e o novo comportamento social da geração nesta inserida, a falta do dever, do cumprimento de seu papel na sociedade, de suas obrigações, em detrimento de apenas ser servido, perquirindo assim a doença do existir? Por óbvio, não podemos elencar como um fator isolado, mas numa associação, como mais um dos elementos deste vazio.

Com o perder-se do seu papel, de seus deveres e entregue ao mundo com tão rápidas modificações, este ser despreparado, ainda em “construção” se depara com um contemporâneo que lhe oferece milhares e milhares de ofertas fáceis a partir de um “click”, em um mundo virtual e físico que impera o consumo, a necessidade de novos desejos, criando um ciclo vicioso de quer mais, de obter mais, sob o aspecto de novos produtos, ideologias, marcas e ideias... seduzindo o consumidor como se isso pudesse completar a falta estrutural, “a falta-a-ser, funcionando como um prazer momentâneo, “objeto-tampão de uma satisfação inerente, na tentativa de suprir sua angústia, seu vazio... porém efêmera, passageira e fútil (TEIXEIRA; COUTO, 2010).

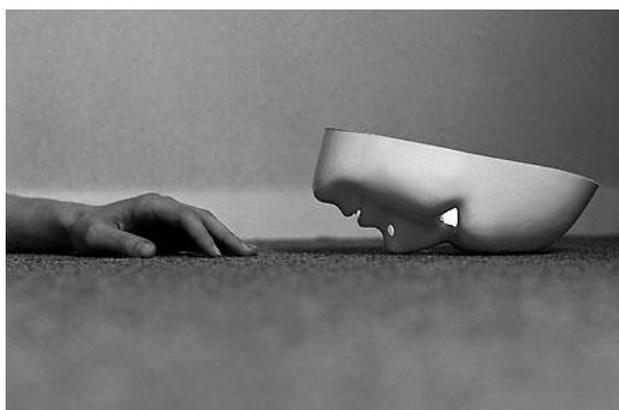
Ainda em angústia, Sören Kierkegaard (1813 – 1855), pensador dinamarquês, tem como filosofia primeva, a existência, analisando-a a partir da psicologia do homem. O filósofo reflete sobre a experiência de angústia e de desespero. A angústia faz parte da existência do homem, assim como a carapaça de uma tartaruga. Ele não pode fugir dela, muito menos ignorá-la. O desespero é uma condição que surge de uma má-relação entre termos que constituem a própria existência do ser humano. De início, são expressões que assustam o homem, afinal, o que muitos indivíduos procuram em sua estada existencial é a

tranquilidade e o conforto que o mundo temporal pode lhes proporcionar. E, assim, buscam distanciar-se do sofrimento e da dor, e conseqüentemente de situações que o levem ao sentimento de angústia ou de desespero.

Se quisermos considerar as determinações dialéticas da angústia, mostrar-se-á que, esta, justamente possui a ambigüidade psicológica. A angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática. Vê-se facilmente, penso eu, que esta é uma determinação psicológica num sentido inteiramente diferente daquela da concupiscência. A linguagem usual o confirma inteiramente, pois dizemos: a doce angústia, a doce ansiedade, e dizemos uma angústia estranha, uma angústia tímida, etc. (KIERKEGAARD, 2010, p. 46).

Para Heidegger (1989) toda angústia é, em última instância, angústia em relação à finitude da existência. Morte e angústia são presenças inalienáveis da experiência humana. No entanto, também é própria ao *ser-aí* humano a tendência para desviar-se da experiência da finitude por intermédio de interpretações impessoais, que tratam a morte como uma mera contingência a que todos estão sujeitos. A analítica existencial de Ser e Tempo revela a cotidianidade mediana como queda no modo impessoal de ser. De início e na maior parte das vezes, somos como se deve ser; somos como “todo mundo” é, ou seja, não realizamos nossas possibilidades singulares de ser. Não se trata aí de nenhuma crítica valorativa da cotidianidade, apenas da descrição fenomenológica de uma estrutura constitutiva da existência.

201



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagem+da+existencia+contemporaneo&tbm=isch&ved=2ah>

Novamente vimos a relação ser-tempo-dever-ser, no contemporâneo ocorre uma busca incessante para preencher o tempo com coisas (aí está a teimosa busca pela felicidade), buscando um sentido de existir por meio do ter e não do ser, ratificando um isolamento, tentando uma separação da relação completa ora citada, não há que se pensar numa

simplificação da existencialidade, do ser, ou do tempo, ou do dever-ser, eis aqui, mais um grande erro contemporâneo, a relativização simplificada de tudo...

O indivíduo inserido nesse contemporâneo vem fazer parte da sociedade do consumo. Quanto a isso, Zygmunt Bauman (1925 – 2017) elucidou o seguinte: a expressão “sociedade de consumo” define uma sociedade característica na qual a oferta geralmente excede a demanda.

O consumo desenfreado que na verdade é reflexo do contemporâneo se apresenta como uma nova modalidade de vida e transforma a moral do mundo em padrão de semelhança, isto é, se parece comigo, ótimo, se não, rejeito. A doença do existir existe (trocadilho proposital) porque comprar é fácil, consumir mais ainda, no entanto existir que é difícil. Ninguém pode ser sujeito no contemporâneo sem antes ter sido mercadoria. O mercado cria as condições, mas não se responsabiliza pelas consequências (patologias) na existência.

Como mercadoria e necessitado de mais mercadoria, sopra em no indivíduo, ventos internos, sentimentos angustiantes, vazios e sofrimentos “ditos sem causa”, que na verdade a causa é a “coisificação” do ser e do próprio sujeito acometido pela doença, como se a todo minuto tivesse a primordial necessidade de vivenciar o gozo, a felicidade, o prazer e assim como o viciado em drogas, instala-se o ciclo de dependência derivado das liberações emocionais, neurais e sociais. Nasce aqui neste processo (bio-psíquico-neural-social) um novo dependente químico, pois eis que esta reação é a soma e consequências destas respostas dentro do indivíduo.

O que se percebe ao longo de todo este ciclo, é o consumismo exacerbado, o enfraquecimento das relações humanas e dos laços sociais, subjetivando valores essenciais de indivíduo-sociedade para uma valorização e ou pertencimento a uma “sociedade do espetáculo”, como já reverberou Guy Debord, (pensador francês) ou uma “cultura do narcisismo”. Veja que em ambos os casos predomina cultura do exterior, o enaltecimento do eu, o culto à imagem, como condição primordial para o espetáculo na cena social (BIRMAM, 2003).

A cada vivência do espetáculo, a cada vivência de um instalos de alegria, o sujeito encontra-se em êxtase, como um viciado, a sensação de prazer, alegria, dopado de seu ego, saciando sua angústia, seu vazio existencial, repete e repete o ciclo cotidianamente, pois seu organismo já é sabedor desta necessidade efêmera viciante, ao qual conscientemente ele

mesmo não tem noção desta dependência psico-química escravizando-o neste sistema dia após dia!

Em consequência a todo o envolvimento contemporâneo e a subjetividade do eu apresentada, percebe-se a definição do “*ethos*” apenas como a representação de subjetividades sofridas, que buscam no consumo excessivo, diminuir, ou tentar preencher este vazio existencial de suas insatisfações. Pois não tenho tudo que quero e desejo, não estou inserido modernamente nos grupos “*vips*” de *selfies* (reforçando o narciso) em lugares chiques, restaurantes caros, de vidas e carros “*bacanas*”, ainda que em detrimento da verdade, reforçando o ciclo que todos me devem, pois também quero estas coisas, ainda que passageiras, efêmeras, mas é preciso que o sujeito se sinta inserido, advindo de nossa existencialidade desde a caverna e tribos.

Miller aponta o termo para o homem contemporâneo como “homem desbossulado”, o homem sem norte, sem a mão do pai, que o guiava como referência e direção, impregnando valores maiores que os de hoje, assim, sem norte, sem rumo, sem deveres e a cada dia neste ciclo o homem contemporâneo reforça sua doença do existir (FORBES, 2004).

Os reflexos além da doença do existir e todo seu vazio traduzido por melancolia, tristeza, depressão, isolamento, sentimento de não pertencimento e merecimento, causará outros danos, como sujeitos sem inteligência emocional, sem o devido desenvolvimento psíquico para suportar um “*não*”, uma pressão, uma prova, um olhar crítico, ao qual infelizmente vem sendo reforçado pelas instituições, pela cultura, propaganda e mais triste ainda, pelas instituições de ensino, qual se perderam no discurso de que todos tem o seu saber, valorizando sujeitos imaturos, infantis, sem o amadurecimento intelectual em detrimento das demandas da vida. Diante desta “*falência*” do eu em seus deveres, da inércia do sujeito ocasionada pela doença do existir, como poderíamos então tratar, amenizar tais características de toda essa complexidade do contemporâneo e da doença do existir?

Ora, se o pertencer à um grupo, o papel de cada sujeito, sua missão, e sua relação dever-fazer-ser são primordiais para coadunar a sua existencialidade de uma forma mais satisfatória, equilibrada, uma reflexão de mudanças nestes paradigmas deve ser repensada, se é inerente a busca de alegria e prazer e atualmente no consumo busca-se suprir tudo isso, uma reviravolta cultural, social e econômica deve ser pensada, criando nortes, fortalecendo as relações sociais, ratificando os deveres, para que os sujeitos perdidos sem seus “*mimos*”, em seu narciso, possam reestruturar um novo ciclo de vivências, conquistas e realizações.

Pois a resignificação de cada conceito, das crenças dos sujeitos podem criar novos padrões de alegria, satisfação, pautando as emoções, seu estado psíquico envolto em novas

sinapses neuro-hormonais, favorecendo assim um novo ciclo virtuoso de conquistas, realizações, na busca de sair das profundezas da doença do existir contemporânea, deixar o ciclo vicioso de autocomiseração para um novo ciclo, o virtuoso, com base em deveres, enxergando seu papel como indivíduo e como instrumento positivo social e coletivo, deixando a inércia para se ter uma utilidade social partindo de um sujeito proativo, com norte, novos rumos e direção.

Em baliza do supra citado, podemos assegurar que a chamada “ressignificação de crenças e valores” se mostra primordial, pois todos estão na atual busca de coisas e bens (coisificação), tendo em vista o jogo midiático de anos e anos de todo o sistema que envolve os sujeitos, mas a partir de nova valorização de outros conceitos que demonstrem a alegria, a conquista, a valorização de deveres, a premiação da alta academia, de sujeitos com pensamento crítico, uteis socialmente, a valorização do desenvolvimento humano... construirá a partir disso, uma alegria, satisfação, em fazer parte desta tribo, destes valores, perfazendo novos sujeitos, cômicos de seus deveres, suas missões, e assim como o príncipe Arjuna, Cristo e o leão, isto é, reencontrar-se em si mesmo, em sua missão e em seu papel na sociedade, preenchendo lhe destes vazios contemporâneos, pois encontraram seu papel individual e como sujeitos de uma coletividade. Valendo-se do maior Ser da existência, Jesus Cristo, encontramos em Seu “arsenal” de instruções, um pecúlio de Sua sapiência, a saber: *“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo”* – João 16.33 – ARA.

204

E que entre no palco da existência o pós contemporâneo para exhibir a plateia seus ditirambos e lograr aplausos, ou desprezo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores, v. 5)

BÍBLIA Almeida Revista e Atualizada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara>. Acesso em 30 mar. 2020.

BIRMAM, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as suas formas de subjetividade. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira. 2003.

FORBES, Jorge. **A psicanálise do homem desbossulado**. Disponível em:
<http://www.jorgeforbes.com.br/index.php?id=115>. Acesso em 30 mar. 2020.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989. v. I e II.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEREZ, Urania T. **Depressão e Melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978a. (Originalmente publicado em 1945).

SCHNEIDER, D. R. Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. **Natureza Humana**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 283-314, 2006.

TEIXEIRA, Vanessa leite; COUTO. Luis F. S. A cultura do consumo: Uma leitura Psicanalítica Lacaniana. **Rev. Psi. em estudo**, Maringá, v. 15, p. 583-591, 2020.